

Quem quer ser um milionário?

Há alguns anos o filme “Quem quer ser um milionário” fez sucesso em todo mundo. “Jamal Malik é um rapaz de 18 anos que teve uma infância muito difícil, lidando com a violência e a miséria na Índia. Ele é chamado para participar da versão indiana do famoso programa de TV e sua experiência de vida o ajuda a responder às perguntas do show. Porém a polícia desconfia da honestidade de Jamal, que deve provar sua inocência”

Esse programa tem muitas adaptações. No Brasil, o apresentador Luciano Huck tem apresentado um quadro parecido, que utiliza como cenário uma versão tecnológica da Tábua de Galton, que notabilizou o uso da curva estatística normal.

A palavra “milionário” mexe com o imaginário das pessoas. A primeira vez que a ouvi foi na infância por causa da dupla sertaneja “Milionário e José Rico”. Ficar rico da noite para o dia é o sonho de milhões de brasileiros que toda semana se dirigem às Casas Lotéricas para jogar na Mega-Sena, na Loteria Federal ou na Loteria Esportiva. E a televisão explora esse sonho com programas como *Big Brother*, Show do Milhão entre outros.

Mas não é preciso nada disso para se alcançar esse objetivo. Uma pessoa capaz de aplicar todo mês R\$ 1.000,00 poderia acumular R\$ 1.000.000,00 ao longo de 30 anos, considerando uma taxa de juros de 0,5% ao mês. Na equação a seguir é necessário isolar o valor de “n = número de períodos”. Esse cálculo também pode ser realizado por meio de uma planilha eletrônica.

$$FV = \frac{PMT((1+i)^n - 1)}{i} \quad 1.000.000,00 = \frac{1.000,00 \cdot ((1 + 0,005)^n - 1)}{0,005}$$

Mas, na prática não basta ter R\$ 1 milhão de reais para uma pessoa ser considerada milionária. Um apartamento bem localizado em uma grande cidade

custa muito mais que esse valor. Muitos assalariados adquiriram terrenos ou casas que se valorizaram ao longo dos anos.

Para muitos economistas é necessário, no mínimo, ter um patrimônio de US\$ 1 milhão de dólares para uma pessoa ser considerada milionária. Além disso, essa pessoa não pode depender de um salário mensal para manter um padrão de vida confortável. Para ser um milionário a fonte de renda deve ser proveniente dos seus ativos.

Para muitos empreendedores tornar-se milionário é uma questão de trabalho, inovação, talento e um pouco de sorte. Todos os anos mais de cinco mil brasileiros tornam-se milionários sem depender da sorte.

Há alguns anos, uma reportagem chamada: “O milionário mora ao lado” mostrou que o crescimento econômico brasileiro estava propiciando o surgimento de milhares de milionários que apostaram em negócios próprios.

O título da reportagem fazia referência a um livro escrito por Thomas Stanley e William Danko, que mostraram que apenas uma minoria dos milionários vive uma vida de ostentação. Um típico milionário norte-americano, na verdade, leva uma vida normal, e pode passar despercebido aos olhos da maioria. Ele pode, inclusive, ser o vizinho do lado. Daí o título da reportagem, que mostrou que não é necessário ganhar na Mega-Sena, ser um astro do futebol ou ganhar o *Big Brother* para ser um milionário. Milhares de brasileiros comuns têm conseguido ascender financeiramente, o que não significa que precisem ostentar essa condição, principalmente no Brasil onde são assassinadas em torno de 60 mil pessoas por ano.

Ser milionário é uma coisa e ser rico é outra. Mas qual o critério para uma pessoa ser considerada rica no Brasil? Essa definição é importante do ponto de vista estatístico.

De acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasil, criado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2018), apenas 5% das famílias brasileiras pertencem à Classe A (renda média domiciliar de R\$

23.345,00). A maior parte da população sobrevive com uma renda mensal menor que R\$ 1.200,00. Na classe A há famílias que ganham R\$ 23 mil reais por mês e outras com rendimento de até R\$ 1 milhão de reais. Como se pode perceber a dispersão é muito grande. Em alguns casos os próprios entrevistados não são capazes de avaliar precisamente sua renda ou identificar sua classe social. Um dos motivos é que há diversas outras formas de se avaliar os estratos sociais. É interessante observar que ser rico ou classe média no Brasil é muito diferente de ser rico ou classe média nos Estados Unidos e na Alemanha, por exemplo. Nos Estados Unidos, é considerada classe média quem ganha entre US\$ 50 mil e US\$ 500 mil por ano. Na Alemanha, para pertencer ao grupo dos mais ricos, os solteiros têm que ter um rendimento líquido de 4.400,00 euros e os casais sem filhos, 6.590,00 euros.

A estratificação da população por critério de renda é muito comum nas pesquisas eleitorais ou de perfil de consumo, por exemplo. Pela metodologia da inferência estatística a amostra deve representar o desejo da população. Se, por exemplo, 2.500 brasileiros forem selecionados aleatoriamente em todas as regiões do país, na amostra deve haver 125 pessoas da classe A (5%), 600 da classe B (24%), 1075 da classe C (43%), 625 da classe D (25%) e 75 da classe E (3%). A opinião dos 2500 brasileiros, se escolhidos utilizando-se de métodos estatísticos apropriados, deverá representar a opinião de 205 milhões de pessoas com nível de confiança de 95%.

Há alguns meses li o livro “Investimentos Inteligentes”, onde Gustavo Cerbasi (2013) explicou que nem sempre uma vida de menor consumo é necessariamente uma vida mais pobre. Para ele é preciso encontrar felicidade em momentos e atividades que não precisam, obrigatoriamente, de desembolso para acontecer. Ter um carro já não é uma necessidade para muitos jovens. E até

mesmo ter um imóvel já não é a prioridade. Soluções de *co-living*¹ são cada vez mais presentes.

A afirmação de Gustavo Cerbasi me lembrou de uma estória que poderia ter se passado em uma praia qualquer. “Um empresário estava passando férias em uma vila de pescadores. Na praia viu um homem voltando do mar em um pequeno barco com alguns peixes frescos. O empresário ficou encantado com a beleza dos peixes. Então ele deu os parabéns ao pescador e perguntou quanto tempo levou para pescar. Demorou duas horas, disse o pescador. O empresário então falou: Por que o senhor não ficou mais tempo para pegar mais peixes? Eu peguei peixe suficiente para mim, minha família e até para meus amigos, respondeu o pescador. Mas o que o senhor faz com o resto de seu tempo? indagou o empresário. O pescador sorriu e respondeu com um tom calmo e relaxado: Eu durmo bem, brinco com meus filhos, tiro uma soneca à tarde, e à noite dou uma caminhada na praia com minha esposa, bebo minha cerveja, e toco violão com meus amigos. Eu tenho uma vida boa! O homem de negócios riu e deu alguns conselhos ao pescador: Olha, eu tenho um MBA de uma universidade de muito prestígio nos Estados Unidos e vou lhe ensinar um pouco sobre negócios. O que o senhor deve fazer é passar mais tempo pescando para vender os peixes que não consegue consumir. Com o dinheiro extra que o senhor vai ganhar poderá comprar um barco maior e empregar outras pessoas para lhe ajudar. Logo o senhor terá dinheiro suficiente para comprar vários barcos. Poderá até vender ações de sua empresa na bolsa de valores! O pescador então respondeu: Mas, quanto tempo vai levar isso tudo? O empresário respondeu: Penso que levará alguns anos.... E depois, o que faço? perguntou o pescador. O empresário sorriu e respondeu: Um dia o senhor poderá vender as ações de sua empresa e ganhar milhões de reais na Bolsa de Valores. O pescador

¹ O conceito de *co-living* surgiu na Dinamarca nos anos 70 - originalmente com o nome do cohousing. No projeto *Sættedammen*, viviam 35 famílias que mantinham moradias privadas e compartilhavam espaços de convivência e atividades, como refeições e limpeza de ambientes, grupos de interesse, festas e eventos.

ficou assustado: Milhões de reais? E o que eu faria com todo esse dinheiro? E o empresário respondeu: O senhor pode se mudar para o litoral e poderá dormir até mais tarde, brincar com seus filhos.... Mas não é isso que eu faço hoje? Respondeu o pescador olhando para o mar...”

Diferentes pessoas têm conceitos diversos de sucesso. Enquanto algumas querem tranquilidade, outras querem alcançar seu primeiro milhão antes dos trinta anos.

Há alguns estudos que analisam a correlação entre renda e a sensação de felicidade. A partir de um determinado valor pouco importa se ganhamos mais ou menos. Um dos mais importantes é o de *Jebb et al* (2018).

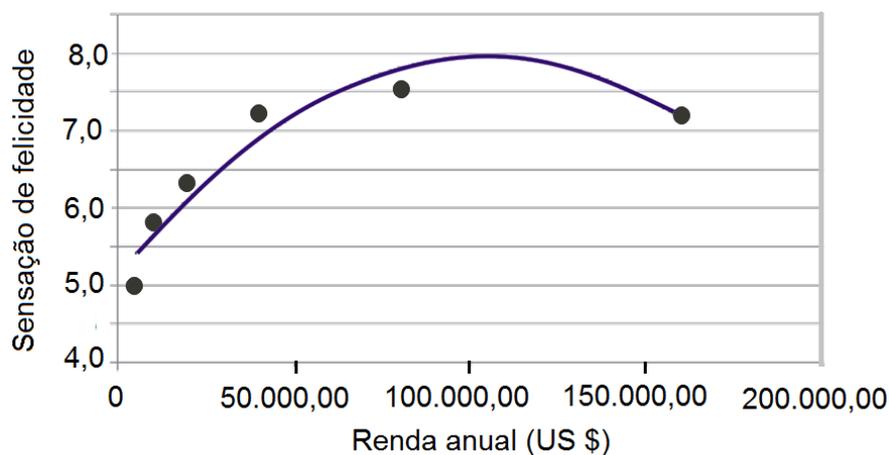


Figura 21 – Relação entre renda anual e nível de felicidade.

O estudo descobriu que, às vezes, mais dinheiro depois de um determinado ponto realmente diminui a satisfação com a vida. Chamado de “saciedade”, o nível de renda em que isso ocorre variou de acordo com a nacionalidade, região, educação e gênero. Para chegar a esses resultados os autores utilizaram dados da *Gallup World Poll*, uma amostra representativa de mais de 1,7 milhão de indivíduos em todo o mundo. Os autores descobriram que a saciedade ocorre com uma renda média de US \$ 95.000 anuais e de US \$ 60.000 a US \$ 75.000 anuais para o bem-estar emocional.